

MINHAS CONTAS (2008): DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS ATRAVÉS DA LITERATURA PARA CRIANÇAS

CRISTIANE MADANÊLO DE OLIVEIRA (COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ), JULIA RODRIGUES CHAGAS.

Resumo

Um dos problemas mundiais mais preocupantes na contemporaneidade é a intolerância religiosa que provoca guerras e matanças em várias regiões do planeta. No Brasil, não se vivencia a batalha em si, mas nota-se claramente que a intolerância religiosa perpassa várias relações sociais. Apesar dos avanços no sentido de desconstruir preconceitos frente aos referenciais míticos afro-brasileiros, ainda se percebem claramente atitudes de desrespeito a essa herança cultural de África. Um dos propósitos da Lei Federal 11645/08 é resgatar e valorizar as tradições africanas no espaço escolar, através da instituição da obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira em todas as escolas do país. Para tanto, tal legislação institui que uma das disciplinas envolvidas nessa proposta é a literatura. Como a discussão sobre preconceitos é de extrema importância social, a arte revela-se um dos recursos mais profícuos para abordar esse assunto com crianças. Partindo desses pressupostos, o presente trabalho se propõe a discutir como a obra "Minhas contas" (2008), escrita pelo paulistano Luiz Antonio e ilustrada pelo sulista Daniel Kondo, contextualiza esse assunto tão delicado. Através das inquietações do menino Nei, o leitor é convidado a vivenciar o enfrentamento do preconceito religioso e a reelaboração desse problema na lógica infantil. Num rico diálogo entre as linguagens verbal e não verbal, a obra explora esse tema considerado tabu para a sociedade brasileira e favorece não só uma discussão sobre o assunto, mas sobretudo a fruição frente a um literário de qualidade.

Palavras-chave:

cultura afro-brasileira, preconceito, religiosidade.

"A missanga, todas a vêem.

Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas."

(Mia Couto)

A partir das palavras do moçambicano Mia Couto, inicia-se este percurso que busca ir além das missangas-contas para "notar" como o fio condutor do preconceito religioso está sistematizando a obra *Minhas contas* (2008) de Luiz Antonio e Daniel Kondo. Tal livro, indicado para o público infantil, narra a história de Nei, um menino proibido de brincar com o melhor amigo Pedro por causa de sua religião. Ante a interdição, que parte da mãe de Pedro, o protagonista vivencia diversas emoções, conflitos, incertezas quanto às suas práticas religiosas. Essa tensão é problematizada em família pela mãe e pela avó de Nei que mostram a ele que o candomblé é uma religião que prega o bem e o amor à natureza. Apesar da reaproximação final dos dois meninos, o preconceito em si não entra em discussão aberta, permanecendo um silenciamento frente à intolerância religiosa.

Tocando numa temática tida como tabu na sociedade brasileira, ainda mais para crianças, a história de Nei é um pequeno exemplo literário de uma prática cotidiana. A intolerância religiosa é um problema mundial que vem ganhando projeção, nas últimas décadas, através de guerras entre grupos de segmentos

religiosos distintos, quase sempre determinadas por razões políticas subliminares. Nessa perspectiva, o embate entre israelenses e palestinos no Oriente Médio exemplifica bem a questão. Os conflitos, que já se arrastam por anos, na verdade giram em torno de disputas territoriais e econômicas, mas ganham caráter religioso por ocorrerem entre judeus e muçulmanos.

No Brasil, a intolerância religiosa existe de forma mais velada, porque não há estado de guerra oficial, como no Oriente Médio. Além disso, a lei garante a cada cidadão brasileiro o direito de professar sua fé. Segundo o artigo 5º, inciso VI da Constituição do país: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma de lei, a proteção dos locais de culto e suas liturgias”. Apesar da legislação, são comuns os casos de desrespeito e até mesmo agressão contra determinadas religiões, motivados, sobretudo, pelo preconceito e pelo desconhecimento das peculiaridades de cada grupo. Nesse sentido, percebe-se que as religiões de matrizes afrobrasileiras como a umbanda e o candomblé enfrentam especial embate, principalmente por parte de alguns segmentos mais radicais. Em junho de 2008, por exemplo, um centro de umbanda no bairro do Catete, na Zona Sul do Rio de Janeiro, foi invadido e destruído por membros de uma igreja evangélica. Como desdobramento, quatro jovens foram detidos em flagrante e autuados por crime contra o sentimento religioso.

Esse quadro atual revela que subjaz a uma aparente convivência pacífica quanto às diferenças no Brasil, país de dimensões continentais, uma rede de violência, simbólica ou efetiva. Isso se deve também à força do cristianismo trazido pelos colonizadores portugueses e seu vínculo com o Estado por muitos anos, que consolidou aqui o pensamento judaico-cristão predominante no Ocidente. Embora a cultura nacional também tenha sofrido influência de povos indígenas e africanos, a visão de mundo e os valores têm suas raízes culturais marcadas por princípios bíblicos. Aliada a uma visão internalizada de inferioridade e menosprezo por referenciais negros, essa predominância do pensamento cristão no Brasil ajuda a entender melhor as dimensões simbólicas de violência presentes no cotidiano, a despeito de não justificá-la.

O Candomblé é uma religião afrobrasileira cuja tradição tem origem nas crenças dos povos Iorubá, do Congo e de Daomé. Trazida para o Brasil com os negros escravizados no período colonial, a estrutura das religiões desses povos foi reconstruída aqui sem influências do cristianismo e das crenças indígenas. Por muito tempo a prática do candomblé limitou-se geograficamente ao estado da Bahia, onde surgiu. Só a partir da década de 60 houve uma maior difusão, momento em que pessoas de origem não-africana começaram a professar o candomblé (Cf. MUNANGA, 2006: 143).

Poder discutir a intolerância religiosa de forma aberta e punir desrespeito às crenças são fenômenos recentes, favorecidos principalmente pelo contexto da pós-modernidade. A crise dos valores modernos traz à baila questionamentos antes silenciados e vozes de grupos colocados historicamente à margem no cenário mundial. Nesse contexto, a promulgação da lei 10639/03, reeditada para 11645/08, registra na Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil a obrigatoriedade de valorização das matrizes culturais fundantes da nação: indígenas e africanas. Dando voz e vez a essa multiplicidade étnica, percebe-se um movimento para reverter o quadro de desvalorização no que tange a esses grupos.

Se por um lado tal promulgação impõe uma mudança de postura no que diz respeito ao processo de formação dos cidadãos em idade escolar, gera uma repentina demanda por obras que contemplem os referenciais desses povos. Além

disso, muitos profissionais da educação sentem-se despreparados para escolher bons títulos ou promover atividades que respeitem os referenciais culturais desses grupos. Dessa maneira, este estudo colabora para uma reflexão maior quanto à natureza dos referenciais culturais das raízes brasileiras. A escolha de *Minhas contas* (2008) como objeto de estudo se deve à qualidade da abordagem de um assunto tão importante para formação da sociedade brasileira.

O tratamento dado por Luiz Antonio ao tema revela um conhecimento mais aprofundado das práticas do candomblé. Assim, o escritor paulistano, em seu primeiro livro para crianças, ativa seus conhecimentos sobre a religião de que é praticante e constrói uma narrativa que leva o leitor a refletir sobre práticas sociais cotidianas. O texto escrito é fortemente enriquecido com o trabalho do ilustrador gaúcho Daniel Kondo. Com imagens coloridas que se estruturam em uma ou duas páginas, a linguagem não-verbal é predominante e revela pesquisa quanto aos referenciais simbólicos associados ao candomblé. Em *Minhas contas* (2008), a seleção de formas e cores favorece uma leitura mais profunda, porque as imagens não se limitam a uma mera representação do que narram as palavras. Assim, as linguagens verbal e não-verbal estabelecem um profícuo diálogo que, somado ao projeto gráfico e ao papel de qualidade, se torna um atrativo a mais para o público infantil.

No que diz respeito à estrutura da obra, a estratégia de narrar os fatos em primeira pessoa propõe ao leitor de *Minhas contas* (2008) a vivência do preconceito, uma vez que compartilhamos com Nei suas inquietações frente à decisão da mãe do melhor amigo. Também como uma opção do escritor, a interdição materna é transcrita em forma de discurso direto, para registrar bem o impacto das palavras da mãe do amigo: “Pedro, meu filho, não quero mais você com Nei. Ele usa aquelas coisas no pescoço... Coisas de macumbeiro. Tá proibido de entrar aqui em casa!” (ANTONIO, 2008: 3).

A carga semântica das palavras fere de forma direta não somente Nei, uma vez que a reação de Pedro é sair correndo após informar ao amigo a proibição da mãe. Nesse sentido, investigou-se mais a fundo a conotação pejorativa atribuída às guias, espécie de colar. No senso comum, registra o dicionário sobre o termo “macumba”: “2- REL. Designação *genérica* dos cultos afro-brasileiros originais do nagô e que receberam influências de outras religiões africanas. [...] 4- p. ext. Designação *leiga* dos cultos afro-brasileiros em geral e seus rituais respectivos” (HOUAISS, 2001:1807). A partir da leitura desse verbete, percebe-se que a associação do termo “macumba” com os fios de contas de Nei perpassa por um viés pejorativo, de desvalorização dos princípios que norteiam a identidade do grupo religioso.

Num maior aprofundamento analítico quanto a essa seleção vocabular, registra o crítico e filósofo Anatol Rosenfeld (2000):

A palavra “macumba” (originalmente “dança”) se refere a uma série de costumes africanos trazidos para o Brasil pelos negros e que ainda hoje são cultivados de forma ora mais distante, ora mais próxima da original, por parcelas da população crioula. Em seu sentido mais amplo, designa um conjunto de diferentes atos que emanam de uma atitude mágico-mística: práticas de evocação dos tipos mais variados empregadas algumas vezes para a cura de doentes, outras para a conquista dos parceiros amorosos renitentes por meio de feitiços, ou também para o aniquilamento demoníaco do inimigo, cerimoniais de predição dos Babalaôs – videntes com poderes mágicos que, conforme o costume africano, sabem interpretar a disposição repleta de significados das sementes de palmeiras, nozes de cola e conchas de caracol que são lançadas para prever o acontecimento –, por fim o ritual e a liturgia de religiões praticadas em solo brasileiro e que são originalmente

africanas, e, por alguns designadas como “fetichistas”, tudo isso é chamado na linguagem popular de “macumba” (p. 49-50).

Tendo em vista as duas citações que tratam do termo “macumba”, nota-se claramente que há uma atitude de generalização e preconceito quando se faz referência a esse elemento identitário para o candomblé. A confecção dos fios de contas, na cultura iorubá, está intimamente ligada ao sagrado e representa simbolicamente associação com os orixás através das cores e dos tipos de contas utilizadas. Mais que um simples ornamento, as guias registram o tempo de filiação religiosa, a nação a que pertence a pessoa, suas atribuições na estrutura religiosa, dentre outros referenciais. Dada a importância do objeto, receber o seu fio de contas é um momento muito especial para os filhos de santo, uma vez que esse fio estabelece uma forte ligação com o orixá que acompanha a pessoa. Como esses preceitos religiosos enfrentaram e ainda enfrentam muita hostilidade, a simbologia dos fios de contas é mais restrita aos iniciados que utilizam essas marcas como identificação e pertencimento.

Na continuidade da narrativa, a notícia dada pelo amigo faz o protagonista compartilhar sua incompreensão com o leitor: “A mãe dele não gostava mais de mim? E por causa dos meus fios de contas?!” (ANTONIO, 2008: 5). A falta de motivo para a proibição gera um turbilhão de emoções em Nei. Esse momento ganha bastante projeção na obra, pois ocupa quase a metade do número total de páginas. Na configuração dessas emoções, localiza-se o momento em que a interação entre ilustração e texto escrito melhor se efetiva. Cada emoção vivida por Nei está associada a um orixá da cultura iorubá, sem que os nomes dos deuses sejam mencionados explicitamente. A associação entre sentimento e orixá se dá por conta da ilustração, que emprega cores e objetos característicos de cada divindade. Soma-se a isso o fato de o sentimento em voga ter clara relação com a personalidade do orixá em questão. Para cada emoção, dedicam-se duas páginas que integram a linguagem verbal e não-verbal no intuito de associar as vivências humanas aos princípios míticos.

Para se ter uma ideia do percurso de sensações de Nei, escolheu-se a primeira referência para um aprofundamento analítico. Enquanto o texto escrito registra “Pedro disse aquilo e saiu correndo. / Fiquei na esquina, sozinho” (ANTONIO, 2008: 7-8), a imagem retrata a figura do menino com expressão de espanto sobre uma forquilha preta sobre fundo vermelho. Faz-se, assim, alusão ao primeiro dos orixás, Exu, que, conforme informações complementares no final do livro é “a primeira entidade, o orixá que é sempre saudado no início dos trabalhos e leva as informações. É o movimento, aquele que inicia tudo” (ANTONIO, 2008: 56). Como o orixá do movimento, Exu representa bem o momento vivido pelo narrador, pois o equilíbrio na relação de amizade é quebrado por um elemento externo que desencadeia uma sequência de mudanças.

Nessa parte do livro que congrega a construção imagética com o texto escrito, associam-se outras emoções e orixás, perfazendo um total de 11 referências. Em todas essas associações, nota-se que a ilustração é crucial para se entender claramente a alusão ao orixá por conta das cores e símbolos empregados. Dessa maneira, a consulta ao apêndice informativo localizado no final do livro, intitulado “Alguns orixás do candomblé”, redimensiona a leitura quanto aos referenciais simbólicos explorados pelo ilustrador.

Depois dessa vivência emocional, Nei experiencia a dúvida quanto à veracidade das colocações da mãe do amigo. Esse questionamento, inclusive, configura-se através de um referencial imagético, porque as palavras “E se a mãe dele estiver certa?” (ANTONIO, 2008: 29) ganham a forma de um ponto de interrogação em meio à página. Da mesma maneira que a imagem possui valor

narrativo, a palavra assume valor imagético para ajudar na contextualização das inquietações do protagonista. Frente aos seus questionamentos, a reação do menino foi de revolta por não poder estar em companhia do parceiro de brincadeiras. A caracterização dessa emoção se dá pelo desejo que ele sente de arrancar os fios de contas do pescoço.

Para acalmar o ímpeto infantil, aparecem duas personagens femininas que assumem o papel de orientadoras para esclarecer o verdadeiro valor do candomblé. Transcreve-se a fala da mãe de Nei, também em discurso direto: “O candomblé é uma religião linda, filho. Prega o bem e o amor à natureza” (ANTONIO, 2008: 32). Esse momento da história assume um certo teor didático, que respeita referenciais africanos nos quais os mais velhos assumem o papel de transmissores do conhecimento pelo viés da oralidade. A força da base familiar como difusora do conhecimento revivifica a ideia de que a palavra oral se relaciona a práticas sociais e coletivas ligadas à ancestralidade.

Nesse caso específico, outro dado importante contextualiza princípios culturais de África, uma vez que são mulheres as protagonistas dessa transmissão de valores. Através das vozes femininas, numa lógica matrilinear, Nei é orientado quanto à importância do candomblé para os africanos que vieram para o Brasil e para a cultura negra. Nesse sentido, o sociólogo e pesquisador de candomblé Reginaldo Prandi revela que a organização e consolidação das religiões negras no Brasil se efetiva no século XIX (Cf. PRANDI, 1996: 65-66). Desde suas origens, o candomblé enfrenta preconceitos e as palavras da avó de Nei registram isso de forma bem explícita: “Samba, capoeira, candomblé. Antigamente a cultura negra era perseguida e dava cadeia” (ANTONIO, 2008: 35). Conforme sinalizam os pesquisadores de cultura negra no Brasil, Kabenguele Munanga e Nilma Lino Gomes, “sendo religiões de matriz africana e praticadas inicialmente somente por grupos negros, o candomblé e a umbanda sofreram (e ainda sofrem) todas as interferências do racismo existente em nosso país” (MUNANGA, 2006: 143). Apesar de o texto escrito não fazer nenhuma referência à tonalidade da pele de nenhuma personagem, as ilustrações retratam Nei e Pedro como negros. Sendo assim, a interdição feita pela mãe de Pedro não se associa a questões raciais, recaindo o foco na religiosidade.

A narrativa, entretanto, não se esquivava de tocar, embora de forma não problematizadora, no fato de ainda existir o preconceito quanto às práticas do candomblé. Nas sábias palavras da avó de Nei, mostra-se que, apesar das conquistas, “ainda tem gente que fala mal do candomblé sem conhecê-lo” (ANTONIO, 2008: 38). Essa colocação resgata a definição do dicionário que retrata no senso comum a generalização quanto às religiões de matriz africana. Na sequência desse diálogo, seguem-se quatro páginas negras com estrelas formando os símbolos das quatro grandes religiões do mundo e o texto escrito com grandes lições de tolerância e compreensão das diferenças: “Se Deus é um só em todas as religiões, por que as pessoas se preocupam com o jeito com que os outros amam esse Deus?” (ANTONIO, 2008: 39). A esse importante questionamento não há uma resposta, a não ser que todos têm o direito de professar sua própria fé e portar elementos que simbolizem seu pertencimento a ela, como o caso dos fios de contas de Nei. Desse modo, as palavras da avó e as ilustrações reafirmam o princípio constitucional de liberdade de credo e expressão, num contexto de estado laico.

Diante dessas explicações, Nei passa a ter orgulho de participar da religião. Mais do que a simples prática religiosa, candomblé passa a representar um conjunto significativo de valores para o protagonista. Os fios de contas, então, não significam mais um fardo a ser carregado e retoma-se um certo equilíbrio emocional. O menino, inclusive, incorpora em seu discurso o que ouviu pela voz da experiência, como se pode constatar na passagem a seguir: “Encontrei Pedro e

expliquei que todas as religiões são especiais. Que, até se a pessoa não tiver religião nenhuma, a gente tem que respeitar” (ANTONIO, 2008: 43). O amadurecimento de Nei contrasta com a inquietação do amigo que se revela preocupado com uma estranha coceira que acomete a mãe dele.

A reação de Nei frente a esse fato foi de escárnio, como se a coceira fosse uma espécie de castigo por causa da proibição instituída por ela. A avó do menino novamente assume o papel de transmissora de valores sociais e respeito ao próximo, além de difusora da generosidade. Novamente a opção do escritor foi de dar voz à avó para que se tenha a dimensão da repreensão dada ao neto: “A mulher está sofrendo e você se diverte com isso? Coisa feia” (ANTONIO, 2008: 46). A atitude da matriarca não só repreende a atitude do neto, como também ensina a ele o valor da generosidade. A fim de que a lição seja bem compreendida, Nei é o portador de algumas folhas para a mãe de Pedro preparar um banho. O uso de ervas no candomblé retrata a forte ligação que vários grupos étnicos africanos mantêm com a natureza. As folhas e plantas são uma emanção direta do poder da terra, da natureza e representam o que foi procriado. Como as folhas detêm uma grande quantidade de axé (força vital), possuem poder de limpeza e produzem energia positiva. Desse modo, a importância das folhas para o candomblé transcende a mera integração com a natureza para ganhar foros de sacralidade e ser frequente elemento em cerimônias.

A narrativa registra uma aparente incoerência da mãe de Pedro, uma vez que ela aceita as folhas enviadas pela avó de Nei e, até onde tudo indica, faz uso delas num banho. Registra-se o adjetivo “aparente” porque, no Brasil, é bastante comum uma certa mistura de referenciais religiosos. Pode-se afirmar, portanto, que não são entendidos com prova de incredulidade ser de uma religião e realizar determinados procedimentos típicos de outra crença. Decerto, a ambiência que favoreceu o sincretismo religioso também influenciou para que houvesse uma maior permissividade no que diz respeito a essas práticas.

O banho de folhas foi eficaz e a atitude da mãe de Pedro demonstrou agradecimento, sendo concretizada no ato de presentear a família com um bolo de fubá. O que poderia levar a narrativa a pedagogismos através das discussões acerca da “lição” aprendida pela mãe recebe um tratamento mais produtivo por parte do autor. Valoriza-se a perspectiva narrativa em 1ª pessoa e Nei interpreta o silenciamento da mãe do amigo quanto aos motivos da proibição e da mudança de opinião posterior: “[a mãe do Pedro] Não tocou no assunto. Mas acho que aprendeu alguma coisa, já que agora eu posso brincar com o meu amigo” (ANTONIO, 2008: 47). Como uma estratégia de quebra de tensão, Luiz Antonio não encerra a história com essas palavras, mas com a fala da avó de Nei: “Ah, não! Os dois furacões voltaram!” (ANTONIO, 2008: 50). Assim, restaura-se o equilíbrio inicial e os dois amigos levam adiante a amizade.

Num processo cíclico, retoma-se, então, a epígrafe deste trabalho. As “brincadeiras” do autor de *Terra Sonâmbula* destacam que ninguém nota o fio frente ao colar vistoso. O silenciamento da mãe de Pedro e a não problematização clara da intolerância religiosa retratam uma espécie de “conspiração do silêncio”, de que trata Simone de Beauvoir. Assim, como uma triste metáfora contemporânea, muitos brasileiros se negam a ver que subjaz a uma aparente convivência pacífica que só se sustenta pelo fio do silêncio, quando o assunto é candomblé. Nesse sentido, a leitura de *Minhas contas* (2008) propicia que, através da arte, se tome ciência não só das dificuldades enfrentadas por grupos minoritários, mas também da força de resistência presente nos seres humanos.

Referências bibliográficas:

ANTONIO, Luiz. *Minhas contas*. São Paulo: Cosac Naify, 2008. [il. Daniel Kondo].

BRASIL. Constituição Federal do Brasil, artigo 5º - Dos direitos e deveres individuais e coletivos. 9 Ed. São Paulo: Ícone, 2007.

COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KABENGUELE, Munanga; GOMES, Nilma Lino. "Religiosidade negra: resistência político-cultural". In. _____. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006).

MACUMBA. In: HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1807.

PRANDI, Reginaldo. "As religiões negras no Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros". *Revista USP*. São Paulo, n. 28, p. 64-83, dez/fev 1996.

ROSENFELD, Anatol. "Macumba". In. _____. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2000. [trad. J. Guinsburg].